

## Crítica // É tempo de amar ★★★

IMOVISION



É tempo de amar: personagens repletos de segredos

## Resgate da felicidade

Ricardo Daehn

Esqueça o título de novela das seis ostentado pelo longa de Katell Quillévéré. Ambientado na Normandia do pós-Segunda Guerra, o filme tem cenas iniciais que mais combinam com as recentes denúncias dos cortes de

cabelos forçados em mulheres da comunidade de Serrinha (RJ). É pela veia do abuso, especialmente, dos mais fortes, que o filme conta uma história de amor. Estigmatizada como prostituta, a protagonista é a garçonete Madeleine (Anaïs Demoustier) que, à época da ocupação nazista, tem a cabeça raspada e foge de um destino ainda mais horrendo.

Antes de conhecer o soldado americano Jimmy (Morgan Bailey), ela estreita

laços — numa espécie de nova vida — com François (Vincent Lacoste), um homem misterioso, educado e de família bastante rica. No embalo de uma trama real (com caso ocorrido em família), a diretora cria uma trama de breve felicidade para tipos eternamente injustiçados.

Por meio de um poema de Stéphane Zweig, o personagem François deixa mais patente os desafios que ele enfrenta: “Só a paixão que se depara com seu abismo

arde profundamente na sua alma. Somente ao se perder você pode se tornar completo”. Repletos de segredos, os personagens tentam escapar de vidas miseráveis. Com tendências tachadas de “peculiares”, eles enfrentam questões ligadas a reprimendas e ética. Construção de apoio e de abandono se alteram, cedendo espaço para os talentos de Anaïs (de *O conde de Monte Cristo* e *O mundo de Glória*) e Lacoste (*Conquistar, amar e viver intensamente*).